

PEDAGOGIA DO OPRIMIDO

Leitura de seus leitores e intérpretes

Moacir Gadotti

Diretor do Instituto Paulo Freire

Professor titular da Universidade de São Paulo

O livro *Pedagogia do oprimido* chega à sua 50ª edição. Em 2001 o Instituto Paulo Freire recebeu o *fac-símile* dos manuscritos deste livro cuja história começa em 1968 quando Paulo Freire os entregou a Jacques Chonchol, diretor do *Instituto de Capacitación y Investigación de la Reforma Agrária* (ICIRA), onde Paulo Freire trabalhava. No ano seguinte ele saíria do Chile, passando quase um ano na Universidade de Harvard, nos Estados Unidos e, depois, se estabelecendo em Genebra, no Conselho Mundial de Igrejas, de onde regressou ao Brasil dez anos mais tarde, completando 16 anos de exílio. Depois que ele entregou os manuscritos a Chonchol nunca mais os viu pois não ficou com nenhuma cópia. No final de sua vida, desejando revê-los, tinha a intenção de escrever a Jacques Chonchol para obter uma cópia, mas ele faleceu logo depois, sem conseguir realizar esse sonho.

Ao entregá-los a Jacques Chonchol e a sua esposa Maria Edy, numa carta escrita a eles, na “primavera de 68”, Paulo Freire fala das saudades que tinha de Recife, após quatro anos de exílio, “de suas pontes, suas ruas de nomes gostosos: Saudade, União, 7 pecados, Rua das Creoulas, do Chora menino, ruas da Amizade, do Sol, da Aurora”. Ele dizia ter deixado “o mar de água morna, as praias largas, os coqueiros”, deixava “o cheiro da terra e das gentes do trópico, os amigos, as vozes conhecidas”. E afirmava que estava deixando o Brasil, mas também “trazia o Brasil” e “chegava sofrendo a ruptura entre o meu projeto e o projeto do meu País”. E conclui dizendo: “gostaria que vocês recebessem estes manuscritos de um livro que pode não prestar, mas que encarna a profunda crença que tenho nos homens, como uma simples homenagem a quem muito admiro e estimo”.

Em 1968 Paulo Freire estava receoso de que seu livro fosse confiscado - haviam surgido boatos de que forças da inteligência chilena estariam atrás de um livro “subversivo e perigoso” - datilografou os manuscritos e tirou algumas cópias antes de entregar os manuscritos a Chonchol. Nos originais, não encontramos o título do livro e nem títulos para os seus quatro capítulos. Até a 17ª edição (1987), revista por Paulo Freire, só apareciam, no início de cada um de seus capítulos, os assuntos destacados por ele mesmo nos manuscritos (menos no capítulo três onde aparece só o número III). Os manuscritos começam com a conhecida epígrafe: “Aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam”.

Neste texto me coloco como mais um leitor entre tantos leitores para mostrar o sentido e o significado desta obra. Como seus leitores receberam esse livro? Como o interpretaram? Como ele continua vivo hoje, no século XXI? Foram essas as perguntas que me fiz quando comecei a escrever esse texto. O que é interessante é que o próprio Paulo Freire, 34 anos depois, também fez uma releitura da *Pedagogia do oprimido* em seu livro *Pedagogia da esperança* que sugestivamente tem por subtítulo a frase: “um reencontro com a Pedagogia do oprimido”. Neste livro ele não só retoma os grandes temas da *Pedagogia do oprimido* como analisa sua trajetória.

Sem dúvida, a *Pedagogia do oprimido*, livro traduzido em mais de 20 idiomas, é sua principal obra e a principal obra da teoria transformadora da educação, uma referência permanente da educação popular no mundo. Nesse livro ele sistematiza e desenvolve temas antes esboçados e, ao mesmo tempo, temas que irá aprofundar depois¹. Como diz ele, “o respeito

1. De certa forma o livro *Pedagogia do oprimido* serviu como referência para os demais livros escritos depois por Paulo Freire. Assim, podemos dizer que as principais **teses** e **intuições originais** dele estão neste livro, entre elas, a politicidade da educação, o reconhecimento da legitimidade do saber popular, a prática da liberdade como precondição para a vida democrática, a educação como produção e não meramente como transmissão de conhecimentos, uma

às diferenças culturais, o respeito ao contexto a que se chega, a crítica à 'invasão cultural', à sectarização e a defesa da radicalidade de que falo na *Pedagogia do oprimido*, tudo isso é algo que, tendo começado a ser experimentado anos antes no Brasil e cujo saber trouxera comigo para o exílio, na memória de meu próprio corpo, foi intensamente, rigorosamente vivido por mim nos meus anos de Chile” (Freire, 1992:44).

Paulo Freire reconhece a influência da sua vivência chilena na elaboração do livro: “foi vivendo a intensidade da experiência da sociedade chilena, da minha experiência naquela experiência, que me fazia re-pensar sempre a experiência brasileira, cuja memória viva trouxera comigo para o exílio, que escrevi a *Pedagogia do oprimido* entre 1967 e 1968. Texto que re-tomo agora, na sua 'maioridade', para re-ver, re-pensar, para re-dizer. Para dizer também, pois que o retomo noutro texto que tem igualmente seu discurso que, do mesmo modo, fala por si, falando da esperança (...). Levei um ou mais de um ano falando de aspectos da *Pedagogia do oprimido*. Falei a amigos que me visitavam, discuti-os em seminários, em cursos. Um dia, minha filha Madalena chegou a chamar, delicadamente, minha atenção para o fato. Sugeriu maior contenção de minha parte na ânsia de falar sobre a *Pedagogia do oprimido* ainda não escrita. Não tive forças para viver a sugestão. Continuei apaixonadamente falando do livro como se estivesse, e na verdade estava, aprendendo a escrevê-lo (Idem, pp. 53-54).

A *Pedagogia do oprimido* representa um avanço em sua elaboração teórica onde coexistem categorias de origem cristã, como a ideia de diálogo e influências marxistas, como a noção de classe social. No Chile ele radicalizou seu pensamento. Como reconhece um dos estudiosos desse tema (Willianson C., 1988), a *Pedagogia do oprimido* “é fruto de um conjunto de fatores pessoais (a prisão, suas reflexões intelectuais etc.) e históricas (o exílio, as experiências do Brasil vistas do Chile em transformação etc.)... 'Minha prática de exílio me politizou intensamente. Foi o Chile que me fez isso', declara em *Acción cultural para la libertad*. Em encontros periódicos foi descobrindo a América Latina, junto com outros intelectuais brasileiros, a partir de duas fontes: da vivência de estudo e trabalho em outro país e da análise científica da realidade brasileira e latino-americana”.

1. Aprender a dizer a sua palavra

A ênfase principal desta obra foi muito bem captada no prefácio escrito por Ernani Maria Fiori: o objetivo principal de uma educação libertadora é fazer com que o homem e a mulher aprendam a “dizer a sua palavra”, não repetindo, simplesmente, a palavra do outro. A palavra como instrumento por meio do qual o homem torna-se sujeito de sua história. O próprio Paulo Freire reconheceu, mas tarde, que o prefácio de Ernani Maria Fiori era “uma síntese extraordinária” (*Apud*: ANDREOLA e outros, 2011:4) do que ele havia escrito.

O professor Ernani Maria Fiori foi um dos primeiros leitores dos manuscritos, depois de Elza Freire, esposa de Paulo, que acompanhou a escrita desde o início². Paulo Freire pediu que Ernani Fiori apresentasse o livro. Ele aceitou o convite e deu à sua apresentação um título sugestivo: “Aprenda a dizer sua palavra”. Embora os manuscritos de Paulo Freire não tivessem nenhum título, Fiori termina sua apresentação afirmando que, tomar a palavra “dos que a detém e a recusam aos demais, é um difícil”, mas essa tomada é imprescindível para o aprendizado do oprimido. Essa seria a “pedagogia do oprimido” (p.15 da primeira edição). Ele estava sugerindo, assim, um título para o livro de Paulo Freire. Na apresentação de Fiori ele destaca **cinco teses**:

1^a. “Com a palavra o homem se faz homem” (p. 5). Coerente com o título de sua apresentação, Fiori destaca que o limiar entre os seres humanos e outros seres é a palavra. Para assumir a condição humana – o trabalho da educação libertadora – o ser humano precisava “tomar a palavra”.

ciência aberta às necessidades populares, a harmonização entre o formal e não-formal, a recusa ao pensamento fatalista neoliberal, uma pedagogia comprometida com a cidadania ativa.

2. Em *Pedagogia da esperança* Paulo Freire reconhece a importância da leitura crítica de sua esposa **Elza** durante o período em que ele redigia *Pedagogia do oprimido*: “durante todo o tempo em que falei da *Pedagogia do oprimido* a outras pessoas e a Elza, ela sempre foi uma ouvinte atenciosa e crítica, e se tornou minha primeira leitora, igualmente crítica, quando comecei a fase de redação do texto. De manhã, muito cedo, lia as páginas que eu escrevera até a madrugada e deixara arrumadas sobre a mesa. Às vezes, não se continha. Me acordava e, com humor, me dizia: 'Espero que este livro não nos torne mais vulneráveis a novos exílios'" (Freire, 1992:65).

2ª. “Ninguém se conscientiza sozinho” (p. 8); o educando precisa de um educador; a educação não é só aprendizagem: é ensino e aprendizagem.

3ª. “O mundo se faz pelo trabalho” (p. 10), pelo trabalho cooperativo, juntos. Daí a necessidade de círculos de cultura ou “círculos de investigação temática” (círculos de cultura). Paulo Freire afirma, numa nota de rodapé à página 131 da primeira edição, que, a denominação de Fiori seria mais adequada para designar os círculos de cultura. Segundo Freire “círculo de cultura” seria uma designação “menos própria”. Com isso, ele entendia que o círculo de cultura não era apenas um novo nome para a “aula”, mas seria uma nova concepção da atividade docente, essencialmente associada à investigação, à pesquisa. Os círculos de cultura seriam também “círculos epistemológicos”, como defende hoje José Eustáquio Romão (Romão e outros, 2006). Paulo Freire, em seu último livro, *Pedagogia da autonomia*, afirma que não há ensino sem pesquisa.

4ª. “A palavra verdadeira se faz ação transformadora do mundo” (p. 14), se faz “palavração”, diria mais tarde Paulo Freire. Ele afirma, na página 91: “não há palavra verdadeira que não seja práxis”, definida por ele como a soma entre a teoria e a prática.

5ª. “Aprender a ler é aprender a dizer a sua palavra” (p. 14); ninguém liberta ninguém. Todos nos libertamos juntos, em comunhão. Paulo Freire, como Karl Marx, sustentava que os trabalhadores precisam libertar-se por eles mesmos. Uma das categorias fundamentais da pedagogia do oprimido é a autodeterminação, a emancipação³. Novamente, uma aproximação com seu último livro: *Pedagogia do oprimido*, onde ele defende a autonomia do educador e do educando.

Paulo Freire havia conhecido Ernani Maria Fiori antes do exílio, nos anos 50, quando ainda trabalhava no SESI de Pernambuco. Conviveu com ele tanto no Brasil quanto no Chile. Referia-se a ele como um grande amigo. Sobre o prefácio que Fiori escreveu, Paulo Freire disse: “Vocês podem bem imaginar a alegria que eu tive quando ele me leu o texto. Era maravilhoso. É uma das melhores coisas que eu conheço sobre que diabo é essa pedagogia do oprimido. O prefácio é, no fundo, melhor do que o livro. É uma síntese extraordinária de compreensão do que eu dizia” (*Apud*: ANDREOLA e outros, 2011:4).

2. Diálogo

Se é pela palavra que o ser humano revela sua humanidade, é no diálogo que ele se encontra com o outro. Só uma comunicação autêntica, na reciprocidade e na igualdade de condições, estabelecidas pelo diálogo, é que o indivíduo torna-se criador e sujeito. Por isso, a educação não é um processo neutro. Ela pode tanto formar sujeitos sujeitados quanto sujeitos livres. Ela pode ser tanto uma ação cultural para a dominação quanto pode ser uma ação cultural para a libertação. Ela pode ser libertadora ou bancária. Como afirma Ângela Antunes (2008:19), “em *Pedagogia do oprimido*, Paulo Freire dá nome a algo fundamental no processo educacional. Nomeia o ato de educar como ato político. Traz à existência a politicidade da educação. E, na dedicatória do livro, toma uma posição: ‘aos esfarrapados do mundo e aos que com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam’. Ensina-nos que educar implica escolhas, compromisso e luta”.

A concepção freiriana de diálogo aparece mais explicitamente no terceiro capítulo do livro. Aí ele estabelece cinco condições para o diálogo:

1ª. *Amor*: “se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo” (p. 80). Numa nota, nesta página, cita Che Guevara: “o verdadeiro revolucionário é animado por fortes sentimentos de amor”.

2ª. *Humildade*: “a auto-suficiência é incompatível com o diálogo” (p. 81).

3ª. *Fé*, fé nos homens, “fé na sua vocação de ser mais” (p. 81): “sem a fé nos homens o

3. No século XX o conceito de “emancipação” foi particularmente elaborado pela Escola de Frankfurt, ao lado do conceito de “razão comunicativa” (Jurgen Habermas). É a aposta de que a emancipação humana encontra na razão seu fundamento – superação de conflitos pela negociação e não pela guerra – e que a educação pode exercer um papel essencial na transformação da sociedade. Adorno escreveu um livro com o título *Educação e emancipação* (Adorno, 1995). Mais tarde, Erica Sherover-Marcuse, viúva de Herbert Marcuse, também da Escola de Frankfurt, escreveu um livro muito apreciado por Paulo Freire, *Emancipation and Consciousness* (Sherover-Marcuse, 1986), onde ela aproxima a teoria da emancipação e a teoria da conscientização. Mesmo assim, Paulo Freire continuou usando a expressão “educação problematizadora” em vez de “educação emancipadora”.

diálogo é um farsa” (p. 81).

4ª. *Esperança*: “a esperança está na própria essência da imperfeição dos homens, levando-os a uma eterna busca” (p. 82).

5ª. *Pensar crítico*. O pensar crítico. Para ele, o pensar ingênuo é “acomodação” (p. 83). “Somente o diálogo, que implica um pensar crítico, é capaz, também de gerá-lo. Sem ele não há comunicação e sem esta não há verdadeira educação” (p. 83).

Para Paulo Freire o diálogo se identifica com a própria educação. Ele só pode existir na reciprocidade e na igualdade de condições, entre iguais e diferentes, nunca entre antagônicos. Do contrário, é um falso diálogo, utopia romântica quando parte do oprimido e ardil astuto quando parte do opressor. O **diálogo** não exclui o **conflito**. O diálogo de que nos fala Paulo Freire não é um diálogo romântico entre oprimidos e opressores, mas o diálogo entre os oprimidos para a superação de sua condição de oprimidos. Esse diálogo supõe e se completa, ao mesmo tempo, na organização de classe, na luta comum contra o opressor, portanto, no conflito.

Em Paulo Freire o diálogo dos oprimidos, orientados por uma consciência crítica da realidade, aponta para a superação do conflito destes com seus opressores. Para ele, o diálogo não é só um encontro de dois sujeitos que buscam apenas o significado das coisas - o saber - mas um encontro que se realiza na *práxis* (ação + reflexão), no engajamento, no compromisso com a transformação social. Dialogar não é trocar ideias. O diálogo que não leva à ação transformadora é puro verbalismo.

A *pedagogia do diálogo* de Paulo Freire contribuiu enormemente para o desenvolvimento da pedagogia contemporânea, para a compreensão da instituição escolar, desmistificando a superioridade natural do mestre, desmistificando a ideia da superioridade moral de alguns seres humanos sobre outros, ou porque ocupam funções superiores, ou porque são mais competentes.

3. Educação bancária versus educação problematizadora

É neste livro que Paulo Freire desenvolve o conceito de “educação bancária”, uma educação rígida, autoritária e antidialógica na qual o professor tem o papel de transferir o seu saber para alunos dóceis e passivos como se eles fossem uma lata vazia. Ao contrário, a educação problematizadora é flexível, participativa e dialógica. Ambos, professor e alunos buscam juntos, “em comunhão”, construir conhecimento valorizando o que já sabem.

Educação bancária é aquela que mantém as condições de opressão do oprimido que não faz a “leitura do mundo”. Como diz Paulo Ghirardelli Jr (2012:3), oprimido é aquele sujeito que vive num lugar “comprimido”, onde “o peso do meio esmaga-o”, não entende o mundo a sua volta. O oprimido é sempre um “desenraizado”. No processo de desenraizamento, o papel do professor, como aquele que se comunica, que “transmite” mas não “transfere” conhecimento (Idem, p. 38) é decisivo. Ao mesmo tempo em que Paulo Freire afirmava o diálogo entre professor e aluno ele também sempre negou o espontaneísmo.

A pedagogia do oprimido possibilita desvelar a realidade opressora, tornando o homem consciente da sua situação de exploração em que vive, primeiro passo para libertar-se da opressão. Trata-se de uma pedagogia que leva à luta pela transformação de opressão na qual o oprimido vive. A pedagogia do oprimido é, ao mesmo tempo, uma *pedagogia da esperança* e uma *pedagogia da luta*. Não há esperança na pura espera, sem luta. É uma pedagogia “do” oprimido e não “para” o oprimido pois se trata de “uma formulação a partir do ponto de vista dos esfarrapados da Terra, a quem ele dedica o livro. A implicação desta opção é radical, constituindo, no limite, uma verdadeira revolução paradigmática, na medida em que atribui aos dominados uma superioridade científica e epistemológica (...). Esta superioridade é explicitada na passagem em que Paulo Freire afirma: 'Por isto é que somente os oprimidos, libertando-se, podem libertar os opressores. Estes, enquanto classe que oprime, nem libertam, nem se libertam' (*Pedagogia do oprimido*, 17ª ed., p. 43). Estendendo-se este princípio aos demais campos da atividade humana, pode-se concluir que somente os oprimidos são capazes de desenvolver a humanização e, portanto, o processo civilizatório” (Romão, 2008:11-12). A pedagogia do oprimido é uma pedagogia forjada por ele. Uma pedagogia que conscientiza e politiza.

Neste livro Paulo Freire deixa claro que a educação sozinha não poderá decidir sobre os rumos da história; entretanto, mostra como uma educação transformadora pode contribuir para

mudar o rumo das coisas. Conscientes e organizados os oprimidos podem libertar-se da opressão. Ele combate a pedagogia fatalista e conservadora.

A educação bancária e o seu oposto, a educação problematizadora, fundam-se, respectivamente, na *teoria da ação antidialógica*, caracterizada pela conquista, pela divisão do povo, pela manipulação e pela invasão cultural e na *teoria da ação dialógica* caracterizada pela colaboração, pela união, pela organização e pela síntese cultural.

A **educação bancária** caracteriza-se pelo depósito assistencialista onde não há comunicação mas apenas comunicados, onde só há sujeitos narradores que são os professores e objetos ouvintes, que são os alunos; os primeiros é que sabem e os segundos são considerados ignorantes. Se consideramos que só há aprendizagem quando o sujeito participa dela, a educação bancária não favorece a aprendizagem; ela não desenvolve a criatividade, a busca e a inovação. O educador bancário deposita conteúdos no educando, anulando, seu potencial criativo. Ele incita à memorização e não ao pensar crítico.

Ao contrário, na **educação problematizadora**, educadores e educandos se educam no diálogo, mediatizados pelo mundo e ambos tornam-se sujeitos do processo de aprendizagem. Sem a superação da contradição entre educador-educando não é possível a relação dialógica. Na educação problematizadora o educador não faz doação nem imposição mas faz a devolução organizada, sistematizada dos elementos que este lhe entregou de forma desestruturada. Ele não leva ao aluno uma mensagem salvadora, mas, junto com ele, mediatizados pela realidade, busca respostas para os desafios da reflexão e da ação.

Paulo Freire faz a defesa de uma **pedagogia dialógica** e emancipatória do oprimido, problematizante e participativa, em oposição à pedagogia da classe dominante, que é bancária e domesticadora. Ele propõe a conscientização como forma do povo passar da consciência ingênua, mágica, para a consciência crítica e científica da realidade. O diálogo problematizador, para ele, estabelece-se na relação horizontal, baseada na confiança entre os sujeitos. Este diálogo é, para ele, a essência mesma da educação como prática da liberdade.

4. Polifonia

Paulo Freire em sua *Pedagogia do oprimido* cita muitos autores, tanto da *fenomenologia*, quanto do *existencialismo* e do *marxismo*. Ele propõe uma síntese teórica entre cristãos e marxistas. Entre esses autores podemos destacar: Hegel, Edmund Husserl, Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir, Martin Buber, Lucien Goldman, Frantz Fanon, Albert Memmi, Marx, Lenin, Che Guevara, George Luckas, Karel Kosik, Herbert Marcuse, e autores brasileiros como Álvaro Vieira Pinto, Guimarães Rosa e Cândido Mendes. Por isso, podemos dizer que uma das marcas da *Pedagogia do oprimido* é a sua polifonia. Como nos diz Danilo Streck (2008:16), “há vozes muito diferentes presentes no livro, às vezes até dissonantes. Estão presentes os camponeses e trabalhadores ao lado de intelectuais, artistas e militantes; encontramos escolas de pensamento em relação às quais Paulo Freire não tem a preocupação de uma aplicação coerente com elas mesmas, mas a sua recriação em função de uma leitura da realidade que se coloca como desafio para interpretação e mudança. É essa polifonia que faz com que tantas pessoas se 'encontrem' no livro”.

A polifonia em Paulo Freire não significa ecletismo mas pluralismo. O **pluralismo** não significa ecletismo ou posições “adocicadas”, como Paulo Freire costumava dizer. Significa ter um ponto de vista e, a partir dele, dialogar com os demais. Pluralismo não significa concordar com tudo ou aproveitar um pouco de cada teoria. Significa saber dialogar com posições diferentes sem perder seu próprio ponto de vista. Paulo Freire exercitava essa pedagogia do diálogo que exige respeito às diferenças, que não silencia outras vozes, mas as escuta. E não se trata só de respeitar as diferenças mas também de valorizá-las.

As teorias de Paulo Freire expostas na *Pedagogia do oprimido* **cruzaram as fronteiras** das disciplinas, das ciências, para além da América Latina. Suas abordagens transbordaram para outros campos do conhecimento, criando raízes nos mais variados solos, fortalecendo teorias e práticas educacionais, bem como auxiliando reflexões não só de educadores, mas também de médicos, terapeutas, cientistas sociais, filósofos, antropólogos e outros profissionais.

Paulo Freire assumiu o risco de cruzar fronteiras para poder ler melhor o mundo e facilitar

novas posições sem sacrificar seus compromissos e princípios. As barreiras e fronteiras estão sempre à nossa volta. Os intelectuais e educadores que ocupam fronteiras muito estreitas não percebem que elas também tem a capacidade de aprisioná-los. Nesse sentido, é preciso reconhecer a importância da *Pedagogia do oprimido* em termos mais globais. Seria ingênuo considerar a sua pedagogia como uma pedagogia só aplicável no chamado “Terceiro Mundo”. Como afirma Carlos Alberto Torres, professor da Universidade da Califórnia, Los Angeles, um dos principais estudiosos de Paulo Freire (Torres, 1996:567-568), “a *“Pedagogia do oprimido* apresentou uma sistematização das bases antropológicas para uma educação libertadora e uma reinterpretação das relações entre filosofia, educação e política. Interpretação essa que poderia integrar-se de maneira coerente com a análise de Gramsci sobre a construção de um novo senso comum e intelectuais orgânicos na busca de uma nova hegemonia, ou com a contribuição da Escola de Frankfurt, especialmente com o filósofo alemão Jürgen Habermas e seu intento de confrontar a colonização de mundo da vida cotidiana (*lifeworld*) e a criação de um “discurso ideal”, que permita a comunicação emancipadora entre os seres humanos. Sem dúvida alguma, *Pedagogia do oprimido* mostra uma convergência fundamental entre Paulo Freire e Jürgen Habermas, no estudo de uma psicologia social crítica, e de Paulo Freire e Antonio Gramsci, na determinação de uma política como transformação social”.

5. Os manuscritos e as edições impressas

As primeiras edições do livro não eram inteiramente fiéis aos originais. Paulo Freire sabia disso. Por isso, numa dedicatória a Moacir Gadotti, da 17ª edição (1987), Paulo Freire afirma que aquela era a “primeira edição decente” do livro⁴. Mesmo assim, como Paulo Freire não dispunha mais dos seus originais, algumas omissões continuam até hoje⁵.

Curiosamente, durante as primeiras edições do livro, no quarto capítulo, à página 158, havia, estranhamente, mais de meia página em branco. Consultando os originais, percebe-se que Paulo havia feito (à página 15 do quarto capítulo) um gráfico, opondo a “Teoria da Ação Revolucionária” à “Teoria da Ação Opressora”. Não se sabe porque havia sido omitido esse quadro explicativo, resumindo, graficamente, a “intersubjetividade” - a relação horizontal entre os “sujeitos-atores (lideranças revolucionárias) e os atores sujeitos” (massas oprimidas) da teoria da ação revolucionária – e a relação vertical entre atores e sujeitos, na teoria da ação opressora. Enquanto a primeira teoria leva à humanização, diz Paulo Freire, a segunda leva à “manutenção objetiva da opressão”.

Esse quadro explicativo tinha tudo a ver com a relação entre os **intelectuais** e as **massas**. Paulo Freire dava grande importância à teoria para uma práxis transformadora. E termina o livro justamente chamando atenção para isso, afirmando que “todo o nosso esforço neste ensaio foi falar desta coisa óbvia: assim como o opressor, para oprimir, precisa de uma teoria da ação opressora, os oprimidos, para libertar-se, igualmente necessitam de uma teoria de sua ação” (p. 217). E adverte, a seguir: o povo, “enquanto esmagado e oprimido, introjetando o opressor, não pode, sozinho, constituir a teoria de sua ação transformadora. Somente no encontro dele com a liderança revolucionária, na comunhão de ambos, na práxis de ambos, é que esta teoria se faz e se re-faz”. E termina o livro dizendo que “se nada ficar destas páginas, algo, pelo menos, esperamos que permaneça: nossa confiança no povo. Nossa fé nos homens e na criação de um mundo em que seja menos difícil amar” (p. 218).

6. Em que contexto Paulo Freire escreveu seu livro?

4. Em abril de 1987 Paulo Freire fez um comentário escrito ao entregar um exemplar do livro para Moacir Gadotti e sua esposa Rejane, da 17ª edição do livro, publicado pela editora Paz e Terra, nos seguintes termos: “Para Rê e Moacir, esta primeira edição decente da pedagogia em português. Abraço. Paulo. Abril 81”. Para preparar essa nova edição “decente”, Paulo Freire fez uma cuidadosa releitura do seu livro fazendo muitas anotações e depois revendo toda a edição. Põe várias interrogações na 15ª edição do livro onde estão essas anotações. São raras as páginas em que não existe nenhum comentário ou anotação. Na página 171, por exemplo, ele escreve ao lado do primeiro parágrafo: “truncado”; na página 213 ele escreve: “frase de significação dúbia”. Depois desta leitura atenta ele preparou a nova edição.

5. Veja-se, em anexo, no final deste texto, a “Nota sobre as edições da Pedagogia do oprimido”.

No seu “reencontro com a Pedagogia do oprimido” (*Pedagogia da esperança*), ele afirma que foi no contexto da efervescência latino-americana dos anos 60 que ele escreveu esse livro: “Santiago virou quase uma espécie de ‘cidade-dormitório’ para intelectuais, políticos de opções as mais variadas. Neste sentido talvez tenha sido Santiago, em si mesma, naquela época, o melhor centro de ‘ensino’ e de conhecimento da América Latina. Aprendíamos das análises, das reações, das críticas feitas por colombianos, venezuelanos, cubanos, mexicanos, bolivianos, argentinos, paraguaios, brasileiros, chilenos, europeus. Análises que iam da aceitação quase sem restrições à Democracia Cristã à sua total rejeição. Críticas sectárias, intolerantes, mas também críticas abertas, radicais, no sentido que defendo” (p. 45). Na mesma página Paulo chama a atenção também para maio de 68, e para os “movimentos estudantis mundo afora, rebeldes, libertários” para Marcuse, com sua “influência sobre a juventude”. E fala ainda da China de Mao Tsé-Tung e da revolução cultural.

Paulo Freire escreveu sua *Pedagogia do oprimido* no contexto dos fortes movimentos emancipatórios daquela década, movimentos de mulheres, estudantes, camponeses, trabalhadores, negros, movimentos sociais e populares, movimentos de contra-cultura (*hippies*), a presença da Guerra Fria, o assassinato de Che Guevara (1967) e de Martin Luther King (1968), a Primavera de Praga (1968), entre outros fatos que tiveram grande repercussão naquele momento.

7. Por que o livro teve tanto reconhecimento, tanta aceitação e por públicos tão diversos?

Há uma razão básica que explica tamanha repercussão: podemos dizer que Paulo Freire faz uma espécie de “metateoria”, um discurso que atende a públicos muito diversos e que atravessou tanto as fronteiras geográficas quanto as fronteiras das ciências e das profissões. Isso tem a ver também com a polifonia do seu pensamento. Como diz Danilo Streck (2008:16), “entendo que em *Pedagogia do oprimido* encontramos a dimensão pedagógica dos movimentos de emancipação (de estudantes, de mulheres, das antigas colônias e dos trabalhadores, entre outros) que estavam ocorrendo por ocasião de sua elaboração. O livro teve tamanha repercussão, quase instantânea, porque disse o que muita gente tinha na ponta da língua e via expresso nas palavras de Paulo Freire, atravessando fronteiras entre acadêmicos e militantes políticos, entre teólogos e cientistas sociais, entre educadores do norte e do sul”.

Paulo Freire escreve para educadores e não-educadores, para médicos, científicas sociais, para físicos, estudantes, pais e mães, operários, camponeses e outros. Pessoas muito diferentes se encontraram nesse livro, identificaram-se com o seu ponto de vista. O livro ressoou nos mais diversos ambientes, seja na academia, seja na sociedade. Sindicatos, igrejas, movimentos sociais e populares foram responsáveis por uma grande difusão e debate de suas ideias, servindo de guia para a ação transformadora.

Alfabetizadores, intelectuais de esquerda, indígenas, marginalizados, militantes políticos, universitários, pobres e ricos comprometidos com os mais empobrecidos, políticos, trabalhadores sociais e outros, utilizaram-se de suas teses para defender seus próprios pontos de vista.

São ideias simples e revolucionárias que impactaram várias **gerações** de educadores e de educadoras na América Latina e no Mundo. Muitos educadores, por meio da *Pedagogia do oprimido*, despertaram para a luta democrática criando espaços de resistência ao autoritarismo político e pedagógico. “A *Pedagogia do oprimido* é um livro de ideias e de desafios. Inspira-nos a ter esperança e a sonhar, a despeito da vida opressora de nossas sociedades desiguais. Estimula-nos a atuar em favor da igualdade e contra a opressão, a conhecer os limites e os espaços abertos que nos rodeiam, de modo que possamos mudar a história com as próprias mãos, em nosso próprio tempo. Ajuda-nos a ser professores libertadores que ajudam os desprovidos de poder a encontrar sua própria voz e sua plena qualidade humana. A *Pedagogia do oprimido* de Paulo é perturbadora e admirável porque se recusa a aceitar o presente como cárcere da história. Para Paulo, a educação é política porque pode confirmar ou contestar o *status quo*. Para os professores do mundo todo, ele definiu o presente como algo que pode ser mudado, que não é cristalizado. Podemos adquirir o conhecimento necessário para mudar as desigualdades de classe, de raça e de sexo impostas por uma elite que domina a educação e a sociedade” (Shor, 1996:565).

8. Críticas ao livro *Pedagogia do oprimido*

Em sua *Pedagogia da esperança*, Freire reconhece a crítica feita a ele de que *Pedagogia do oprimido* tinha uma “linguagem machista”: Agora, diz ele, “ao escrever esta *Pedagogia da esperança*, em que repenso a alma e corpo da *Pedagogia do oprimido*, solicitarei das casas editoras que superem a sua linguagem machista. E não se diga que este é um problema menor porque na verdade, é um problema maior. Não se diga que, sendo o fundamental a mudança do mundo malvado, sua recriação, no sentido de fazê-lo menos perverso, a discussão em torno da superação da fala machista é de menor importância, sobretudo porque mulher não é classe social” (Freire, 2006:68).

Analisando a trajetória do seu livro, Paulo Freire apresenta as críticas que recebeu, fala do problema da “inteligibilidade do texto” e as “críticas à linguagem tida como quase impossível de ser entendida e, de tal maneira rebuscada e elitista, que não podia esconder nela a sua ‘falta de respeito ao povo’” (p. 74). Na página 76 ele responde a essas críticas e adverte o leitor de que não se deve prosseguir a leitura de um texto sem captar o significado de alguma palavra: “Ler um texto é algo mais sério, mais demandante. Ler um texto não é ‘passear’ licenciosamente, pachorrentamente, sobre as palavras. É apreender como se dão as relações entre as palavras na composição do discurso. É tarefa de sujeito crítico, humilde, determinado” (p. 76).

A humildade fazia parte da personalidade de Paulo Freire. Por isso, uma das coisas que ele jamais abriu mão foi de combater os intelectuais arrogantes. Na *Pedagogia do oprimido* ele sustenta que “a pronúncia do mundo, com que os homens o recriam permanentemente, não pode ser um ato arrogante. O diálogo, como encontro dos homens para a tarefa comum de saber agir, se rompe, se seus polos (ou um deles) perdem a humildade. Como posso dialogar, se alieno a ignorância, isto é, se a vejo sempre no outro, nunca em mim?” (*Pedagogia do oprimido*, 1981. pp. 94-95). Ele volta ao tema em seu último livro, *Pedagogia da autonomia*. No último parágrafo deste livro ele afirma que “nem a arrogância é sinal de competência nem a competência é causa de arrogância. Não nego a competência, por outro lado, de certos arrogantes, mas lamento neles a ausência de simplicidade que, não diminuindo em nada seu saber, os faria gente melhor. Gente mais gente” (Freire, 1997:165).

Ele tinha a humildade necessária para aceitar as críticas. Costuma explicá-las, contextualizá-las e reconhecê-las. Mas também procurava explicar quando achava que havia “mal-entendidos”. Diz ele: “não posso ser responsabilizado, devo dizer, pelo que se diga ou se faça em meu nome, contrariamente ao que faço e ao que digo; não vale afirmar, como certa vez, alguém, com raiva, o fez: ‘você pode não ter dito isto, mas pessoas que se dizem discípulas suas disseram’” (Freire, 1992:88-89).

Paulo Freire não gostava de “seguidores”. Dizia que queria ser reinventado. Na verdade, não deixou discípulos como repetidores de ideias. Ele deixou, um espírito. Ele mesmo afirmou, no livro *Por uma pedagogia da pergunta* (p. 41): “A única maneira que alguém tem de aplicar, no seu contexto, alguma das proposições que fiz é exatamente refazer-me, quer dizer, não seguir-me. Para seguir-me, o fundamental e não me seguir”.

9. Atualidade da *Pedagogia do oprimido*

Paulo Freire deixou como legado, uma filosofia educacional e um método de investigação e de pesquisa ancorado numa antropologia e numa teoria do conhecimento, imprescindíveis na formação do educador. Depois de Paulo Freire não se pode mais afirmar que a educação é neutra. Ele demonstrou a importância da educação na formação do povo sujeito, do povo soberano; foi um dos grandes idealizadores do paradigma da educação popular. Miríades de experiências de educação popular e de adultos inspiram-se em suas ideias pedagógicas.

Ele deu uma grande contribuição à luta pelo **direito à educação**, não a qualquer educação, mas ao direito a uma educação emancipadora. Sua pedagogia destacou a necessidade de teorizar a prática, a necessidade da pesquisa participante e o reconhecimento da legitimidade do saber popular.

A **atualidade** da *Pedagogia do oprimido* é demonstrada não só pelo número de suas

edições, mas pelas marcas que ela deixou na educação do século XX, também neste início de milênio, como mostra o livro publicado pela Editora Instituto Paulo Freire: *Reinventando Paulo Freire no século 21* (Torres e outros, 2008). Nesta obra Jason Mafra descreve a trajetória do movimento *Universitas Paulo Freire* (Unifreire) desde o ano 2000, reunindo centros de estudos, cátedras, institutos, associações e entidades públicas e privadas que se fundamentam em Freire e desenvolvem estudos sobre ele (Mafra, 2008:9-40). Paulo Freire desenvolveu, em 1990, o conceito de “cidade educadora”, mostrando que a escola não é o único espaço educativo, associando a educação formal e a não-formal. Sua pedagogia está comprometida com a cidadania, com a autonomia do aluno, uma concepção pedagógica amplamente aceita hoje. Paulo Freire recusou o pensamento fatalista neoliberal, o que lhe dá uma inquestionável posição de vanguarda frente às concepções pedagógicas conservadoras que não se preocupam com a ética e a radicalização da democracia.

O livro *Pedagogia do oprimido* continua muito atual, não só porque ainda existem oprimidos, mas porque é uma obra de grande valor para todos os que buscam, por meio da educação, “criar um mundo em que seja menos difícil amar”, como afirma ao terminá-lo⁶.

O que o livro *Pedagogia do oprimido* representa na história das ideias pedagógicas?

Carlos Alberto Torres afirma estar convencido de que “existem dois livros que marcam importantes desenvolvimentos da filosofia da educação no século 20: um é *Educação e democracia*, de John Dewey, e outro é *Pedagogia do oprimido*, de Paulo Freire” (Torres, 2008:10). Para aqueles que não se conformam com o pensamento único neoliberal que renuncia ao sonho e à utopia, para aqueles que acreditam que “um outro mundo é possível”, a palavra “oprimido” não perdeu vigência, não perdeu sentido e nem atualidade. “A importância de Paulo Freire foi de ter mostrado que o oprimido jamais é somente um oprimido. É também um criador de cultura e um sujeito histórico que, quando conscientizado e organizado, pode transformar a sociedade” (Boff, 2008:16).

Se o livro *Pedagogia do oprimido* representa a essência de toda a obra de Paulo Freire a atualidade desta obra deve ser medida também pelo seu reconhecimento acadêmico. Segundo pesquisa realizada pela Cátedra Paulo Freire da PUC/SP, no Portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES), órgão do Ministério da Educação que avalia a Pós-Graduação brasileira, “no período 1987 a 2010, registra um total de 1441 trabalhos (1153 Dissertações e 288 Teses) que utilizaram o referencial freireano. Essas pesquisas estão distribuídas nas seguintes grandes áreas do conhecimento: 1080 produções, 75%, estão na área de Humanas; nas Exatas encontram-se 87 trabalhos (6%) e na área das Ciências Biológicas, localizam-se 274 pesquisas, equivalendo a 19% da produção” (Saul e Silva, 2011:5). Como afirma Henry A. Giroux, professor na Universidade da Pensilvânia, “*Pedagogia do oprimido* continua a desempenhar vigoroso papel na concepção de variados debates por todo o mundo a respeito da natureza, significado e importância da educação como forma de política cultural (...), reescreve a narrativa da educação como um projeto político que, ao mesmo tempo, rompe as múltiplas formas de dominação e amplia os princípios e práticas da dignidade humana, liberdade e justiça social (...), retraza o trabalho de ensinar como prática de todos os trabalhadores culturais engajados na construção e organização do conhecimento, desejos, valores e práticas sociais (...), reescreve a linguagem da política dentro e não fora da responsabilidade radical da ética (...), encarna o compromisso de toda a vida de um homem que associa teoria e ação, compromisso e humildade, coragem e fé. *Pedagogia do oprimido* não pode ser separada nem de sua história, nem de seu autor, mas também não pode ser reduzida à especificidade de intenções ou de localização histórica” (Giroux, 1996:569-570).

10. Um mapa de navegação

O livro *Pedagogia do oprimido* acabou dando origem a uma **concepção de educação**, sustentada hoje pelos educadores populares, pelos movimentos sociais e vivida em muitas

6. Silvia Maria Manfredi e Piergiorgio Reggio afirmam no prefácio da nova edição italiana do livro *Pedagogia do Oprimido* que, nos últimos dez anos, houve um “interesse renovado” pela leitura da *Pedagogia do oprimido*: surgiram “muitas intervenções educativas onde os princípios freirianos estão significativamente presentes” (Manfredi & Reggio, 2011:14).

escolas. Segundo Miguel Arroyo (2012:554), Pedagogia do oprimido “é uma concepção e prática pedagógica construídas e reconstruídas nas experiências sociais e históricas de opressão e nas resistências dos oprimidos, dos movimentos sociais pela libertação de tantas formas persistentes de opressão”. Trata-se de uma concepção nascida nas experiências sociais e inseparável dos sujeitos dessas experiências como produtores de conhecimentos e reconstruída por esses mesmos sujeitos.

Ler *Pedagogia do oprimido* nos ajuda a entender as possibilidades e os limites da educação atual no contexto da globalização neoliberal. Como afirma Carlos Alberto Torres (2008:11), “reler *Pedagogia do oprimido* no contexto dos efeitos das globalizações neoliberais em nossas sociedades pode ser o caminho mais apropriado para confrontar essa conjuntura em que o conhecimento instrumental foi estabelecido como o único caminho para a promoção das reformas educacionais. Rer *Pedagogia do oprimido*, contextualizando suas teses centrais, pode nos ajudar a redefinir os termos dos debates que estão acontecendo hoje na educação em geral”.

Rubem Alves, grande amigo de Paulo Freire, afirma que *Pedagogia do oprimido* é como um “mapa de navegação” “como que produziam na época das grandes navegações, que apontam para as terras obscuras que existem mais no sonho do que no conhecimento — mapas proféticos que abrem caminhos inexplorados e convidam o viajante a sair das seguras rotas conhecidas e a se aventurar por regiões que outros nunca visitaram. Paulo Freire fez isto: sugeriu caminhos novos para o pensamento. Mostrou circularidade dos caminhos velhos da educação, pelos quais se caminhava sem nunca se sair do lugar (...). A obra de Paulo Freire foi isto: semente frutífera que vai morrendo e se transformando como exigência da própria vida que vai explodindo os limites que aprisionam. Sendo conhecimento o mundo, tal como é, é muito mais do que isso: revelação de um outro mundo que permanece aberto a todos aqueles que tiverem coragem para entrar nos mares desconhecidos e sedutores para as quais ela aponta. Obra que permanecerá para sempre inacabada, pois isto pertence à sua própria essência: o fascínio permanente ante os espaços que a liberdade não permite que se fechem, jamais. Ter entendido Paulo Freire é estar sempre pronto para partir” (Alves, 2008:35).

A metáfora de Rubem Alves lembra o estilo de escrever de Paulo Freire por meio de “cartas” de todo tipo. Tem várias obras escritas na forma de cartas. O **gênero carta** pessoaliza, expõe a intimidade. Uma carta pode dirigir-se a um grande público, mas, em princípio, ela se dirige a cada um em particular. Uma carta convida a uma aproximação entre quem escreve e quem lê; ela possibilita a cumplicidade entre eles. Quem escreve cartas convida ao diálogo, à resposta, à continuidade, ao estabelecimento de uma relação pessoal. Ele usou o gênero carta também como um suporte novo da educação popular, como uma poderosa ferramenta pedagógica do diálogo. O gênero carta não se presta ao discurso autoritário. As cartas se destinam muito mais para fazer um convite às pessoas, um convite ao diálogo. Paulo Freire chama a atenção para o conteúdo das formas. O que ele disse por meio das formas é muito importante para a formação do educador.

Por que continuar lendo *Pedagogia do oprimido*?

Alguns certamente gostariam de deixar esse livro nas prateleiras, no passado da história das ideias pedagógicas; outros gostariam de esquecê-lo, por causa de suas opções políticas assumidas neste livro. Certamente, não é um livro que agrada a todos. Em certos lugares, até hoje, ele é um livro interdito⁷. Mas para os que desejam conhecer e viver uma pedagogia de inspiração humanista, esta é uma obra imprescindível. A pedagogia do diálogo que este livro defende fundamenta-se numa filosofia pluralista. A força desta obra não está só na sua teoria do conhecimento mas em mostrar uma direção, mostrar que é possível, urgente e necessário mudar a ordem das coisas. Paulo Freire não só convenceu tantas pessoas em tantas partes do mundo pelas suas teorias e práticas, mas também porque despertava nelas, pessoalmente ou por meio de seus escritos, a capacidade de sonhar com uma realidade mais humana, menos feia e mais justa. Como legado nos deixou a utopia.

7. Em janeiro de 2012, o livro *Pedagogia do Oprimido* foi banido das escolas públicas de Tucson, no estado do Arizona, sudoeste dos Estados Unidos, por ser considerado pela Secretaria de Educação de Tucson como um livro “doutrinador”, “portador de um único ponto de vista”, inspirado no Manifesto Comunista de Marx e Engels, “que considera que a inteira história da humanidade é uma batalha entre opressores e oprimidos”.

Referências bibliográficas

- ADORNO, Theodor W. *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- ALVES, Rubem. “Estar sempre pronto para partir...”. In: GADOTTI, Moacir, org. 2008. *40 olhares sobre os 40 anos da Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2008, p. 35.
- ANDREOLA, Balduino Antonio , Gomercindo, Ghiggi e Evaldo Luis Pauly. “Paulo Freire no Rio Grande do Sul: diálogo, aprendizagens e reinvenções...”. In: Revista *e-curriculum*, São Paulo, v.7 n.3 Dezembro 2011 - Edição especial de aniversário de Paulo Freire, <http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum> .
- ANTUNES, Ângela. “Pedagogia do oprimido: escolha, compromisso e luta”. In: GADOTTI, Moacir, org. *40 olhares sobre os 40 anos da Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2008, pp.19-20.
- ARROYO, Miguel G. “Pedagogia do oprimido”. In: CALDART, Roseli Salete, Isabel Brasil Pereira, Paulo Alentejano e Gaudêncio Frigotto, orgs. *Dicionário da educação no campo*. São Paulo: Expressão Popular, 2012 pp. 553-561.
- BOFF, Leonardo. “Pedagogia do oprimido e Teologia da Libertação”. In: GADOTTI, Moacir, org. *40 olhares sobre os 40 anos da Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2008, pp.16-17.
- CALDART, Roseli Salete, Isabel Brasil Pereira, Paulo Alentejano e Gaudêncio Frigotto, orgs. *Dicionário da educação no campo*. São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia o oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. 13ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- GADOTTI, Moacir, org. *Paulo Freire, uma biobibliografia*. São Paulo: Cortez, 1996.
- GADOTTI, Moacir, org. *40 olhares sobre os 40 anos da Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2008.
- GHIRARDELLI Jr, Paulo. *As lições de Paulo Freire: filosofia, educação e política*. Barueri: Manole, 2012.
- GIROUX, Henry A. “Um livro para os que cruzam fronteiras”. In: GADOTTI, Moacir, org. *Paulo Freire, uma biobibliografia*. São Paulo: Cortez, 1996, pp. 569-570.
- MAFRA, Jason. “Utopia e projeto possível”. In: TORRES, Carlos Alberto. *Reinventando Paulo Freire no século XXI*. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2008, pp. 9-40.
- MANFREDI, Silvia Maria e Piergiorgio Reggio. “Prefazione”. In: FREIRE, Paulo. *La pedagogia degli opresssi*. Torino: Gruppo Abele, 2011, pp. 7-19.
- ROMÃO, José Eustáquio, e outros. “Círculo Epistemológico: círculo de cultura como metodologia de pesquisa”. In: *Educação & Linguagem: Revista da Faculdade de Educação e Letras da Universidade Metodista de São Paulo*. São Bernardo do Campo, SP: UMESP, ano 9, n.13, jan.-jun. 2006.
- ROMÃO, José Eustáquio. “Opção radical pelo oprimido”. In: GADOTTI, Moacir, org. *40 olhares sobre os 40 anos da Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2008, pp.11-12.
- SAUL, Ana Maria Saul e Antonio Fernando Gouvêa Silva. “O pensamento de Paulo Freire no campo de forças das políticas de currículo: a democratização da escola”. In: Revista *e-curriculum*, São Paulo, v.7 n.3 Dezembro 2011 - Edição especial de aniversário de Paulo Freire, <http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum>.
- SHEROVER-MARCUSE, Erica. *Emancipation and Consciousness: Dogmatic and Dialectical Perspectives in the Early Marx* . Oxford: Blackwell, 1986.
- SHOR, Ira, 1996. “Um livro perturbador a respeito da educação”. In: GADOTTI, Moacir, org. *Paulo Freire, uma biobibliografia*. São Paulo: Cortez, 1996, pp. 565-567.

- STRECK, Danilo R. 2008. “Uma maneira de construir pedagogia”. In: GADOTTI, Moacir, org. *40 olhares sobre os 40 anos da Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2008, pp.15-16.
- TORRES, Carlos Alberto. “Pedagogia do oprimido: revolução pedagógica da segunda metade do século”. In: GADOTTI, Moacir, org. 1996. *Paulo Freire, uma biobibliografia*. São Paulo: Cortez, 1996, pp. 567-568.
- TORRES, Carlos Alberto. “Reinventando Paulo Freire 40 anos depois”. In: GADOTTI, Moacir, org. *40 olhares sobre os 40 anos da Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2008, pp. 10-11.
- WILLIANSO C., Guillermo. *Paulo Freire, 1964-1969: sua passagem pelo Chile e o Chile pelo qual passou*. Campinas, UNICAMP, mimeo, 1988.

Anexo

NOTA SOBRE AS EDIÇÕES DA PEDAGOGIA DO OPRIMIDO

O livro *Pedagogia do oprimido* foi publicado pela primeira vez, em 1970, em **inglês** (Nova Iorque, Herder and Herder), sem o prefácio de Ernani Maria Fiori, mas com uma apresentação de Richard Shaull e um prefácio do próprio Paulo Freire. A tradução é de Myra Bergman Ramos. No mesmo ano sai primeiro a edição em **espanhol** (Montevideu, Tierra Nueva), com tradução de Jorge Mellado do ICIRA (Instituto de Capacitación y Investigación de la Reforma Agrária), sem o prefácio de Ernani Maria Fiori. Em seguida, no mesmo ano, sai a edição em **português** pela primeira vez com prefácio de Ernani Maria Fiori (Rio de Janeiro, Paz e Terra).

Em **espanhol** há uma edição peruana de setembro de 1971, também publicada pela editora Tierra Nueva, sem o prefácio de Ernani Maria Fiori. Em 1972, a editora Afrontamento da cidade de Porto (Portugal), lança uma edição portuguesa e, no ano seguinte, a Siglo XXI lança, em Buenos Aires, uma nova edição em espanhol, com prefácio de Ernani Maria Fiori e um apêndice bibliográfico de Hugo Assman. Em espanhol saíram ainda uma edição costarricense, publicada pelo Ministério da Educação (1974).

Em **inglês** saíram ainda outras edições: uma em Londres (Penguin Books), em 1972, com introdução de Richard Shaull e o prefácio de Paulo Freire, outra em Montreal (Mthuen Publications), no mesmo ano. Em 1980 uma outra edição foi lançada pela Seabury Press, uma editora religiosa, com sede em Nova Iorque, pertencente à Igreja Episcopal. Em 1972 a editora londrina Sheed and Ward também publicou uma edição traduzida por Myra Bergman Ramos e com introdução de Richard Shall. A editora Continuum, de Nova Iorque, publicou, em 1993, uma nova edição revista, celebrando os 20 da primeira edição, com uma nota do editor. Na capa esta edição continha uma frase de Jonathan Kozol e outra de Ivan Illich, informando que haviam sido vendidos 500 mil exemplares do livro em inglês: “Brilhante metodologia, de caráter altamente emotivo e politicamente provocativo” (J. Kozol); “Esta é a verdadeira pedagogia revolucionária” (I. Illich). Como nas edições anteriores em inglês não contem o prefácio de Ernani Maria Fiori.

Em **italiano** a primeira edição é de 1971 (Roma, Mondadori), com prefácio da tradutora Linda Bimbi intitulado “Do Nordeste a Barbiana: proposta de uma 'cultura alternativa'”. Linda Bimbi fez um novo prefácio para a edição da editora Grupo Abele, de Turim, em 2002, com uma apresentação de Moacir Gadotti cujo título é “Por que continuar a ler Freire?”. Em 2011 saiu uma nova edição italiana prefaciada por Sílvia Maria Manfredi e Piergiorgio Reggio pela editora Gruppo Abele de Turim.

Em **francês** a primeira edição é de 1974 (Paris, La Découverte/Maspero). A edição francesa inclui também o texto “Conscientização e revolução: esclarecimentos necessários, uma conversa com Paulo Freire”. Trata-se de uma conversa entre Paulo Freire e um grupo de militantes do IDAC (Instituto de Ação Cultural). A apresentação deste livro é assinada por um “coletivo de alfabetização”, com data de março de 1974. O tradutor é desconhecido.

Em **alemão** a primeira edição é de 1971 (Stuttgart, Kreuz-Verlog). Há uma outra versão em alemão com introdução de Ernst Lange, traduzida por Werner Simpfendorfer e editada em 1973 pela editora Rowohlt. Em **holandês** a primeira edição é de 1972 (Baarn, In der Toren). Em 1979 saiu nova edição alemã em Hamburgo (Werner Simpfendorfer). Em **dinamarquês** a primeira edição é de 1972 (Copenhague, Christian Ejlers). Em **grego** a primeira edição é de 1974 (Atenas, Rappas) com tradução de Giannis Kritikos. Em **japonês** a primeira edição é de 1979 (Tóquio, Aki Shobo), com tradução de Yusaku Ozawa e Tetsuji Yamamoto. Há uma edição em **tailandes**, publicada em 1985 pela Federação de Estudantes Independentes da Tailândia.

A edição **coreana** da *Pedagogia do oprimido* é de 2002. O livro também foi traduzido em **árabe**, em

2005, em Tbilisi, com tradução de Nodar Manchkhvivi e publicada pela editora Ten Kitoshvili, Davit Gabunia. Em **finlandês** há uma edição de 2005 publicada em Tempere pela editora Osuuskunta Vastapaino.

Edições populares, integrais ou não, acrescidas de outros textos, edições apostiladas em cursos de movimento sociais, com tiragens reduzidas, também foram feitas. Em janeiro de 1997, em Madrid, encontrei uma destas edições, impressa pelo Movimento Cultural Cristão, com uma apresentação de Julián Gómez del Castillo, responsável pelas edições “Voz dos sem Voz” que abre o livro com uma nota: “Frente à censura que supõem os preços dos livros, principalmente ocasionada pelo circuito comercial estabelecido neste setor, agradecemos aos autores e trabalhadores que tornam possível 'Vos dos sem voz' a gratuidade com que desempenham suas funções. O livro continua sendo artigo de primeira necessidade para a cultura dos povos e deve ser tratado como tal e não como instrumento de negócio”. Mostrei o exemplar a Paulo Freire que ficou muito feliz. Isso ocorreu com outros livros como “Educação e Mudança”. Eu havia encontrado o livro em, Buenos Aires, em 1978, com o título *Educación y cambio*, sem o nome da editora. Perguntei a ele se havia uma edição em português desde livro. Ele me escreveu dizendo que não sabia da existência desse livro. Era a reunião de quatro textos escritos no Chile logo que ele lá havia chegado. Eles foram escritos antes da publicação de seu primeiro livro *Educação como prática da liberdade* (1967). É provável que sejam os primeiros escritos de Paulo Freire depois de sua tese *Educação e atualidade brasileira* (1959).

Educadores populares, educadores comprometidos com a causa da “mudança” utilizavam seus textos de diversas maneiras. Paulo não se incomodava com isso. Foi assim que o nome dele acabou tomando um tamanho maior do que a sua pessoa e o mito em torno de seu “método” ganhou força no mundo. Como ele havia escrito por uma causa, a causa dos oprimidos, não se incomodava em ver certos escritos dele impressos dessa forma. Pediu-me para traduzir e introduzir o livro *Educación y cambio*, que foi publicado em 1979. Fiz a tradução com uma aluna da UNICAMP, onde lecionava na época, a professora Lilian Lopes Martin. Nos enamoramos por um texto que é um dos melhores de Paulo Freire. É um livro cheio de esperança, de amor e de luta, como a *Pedagogia do oprimido*. Ele cita Eric Fromm, Malinowski, Zevedei Barbu, seus amigos de Recife Jomard Muniz de Brito e Jarbas Maciel e quando fala da alfabetização como um ato criador, faz referência a “um jovem sociólogo brasileiro”, o professor da Universidade de São Paulo Celso de Rui Beisiegel, um de seus primeiros colaboradores no sul do Brasil e grande amigo.